28 TESES SOBRE A REFORMA DE SAÚDE*

*Clacir Virmes Junior***

Preâmbulo

Em 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero afixou suas famosas 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, dando início ao movimento histórico conhecido como Reforma Protestante. Em 1987, Morris Venden escreveu a obra *95 Teses sobre Justificação pela Fé*,[1] que se tornou muito popular no adventismo mundial em geral e no Brasil em particular. Recentemente, em meio às controvérsias teológicas e administrativas que a Igreja Adventista tem enfrentado em vários lugares do mundo, George R. Knight escreveu 9.5 teses sobre a autoridade da igreja e a questão da ordenação.[2] Seguindo este formato, proponho aqui 28 teses sobre a reforma de saúde. Obviamente, o número das teses vem na esteira das 28 crenças fundamentais defendidas pelos adventistas do sétimo dia.[3]

O texto que se segue foi preparado para o programa da capela do SALT-FADBA, em Cachoeira-BA, apresentado em 23 de abril de 2019, que teve como tema "Crescimento na Reforma de Saúde." Ele reflete minha compreensão teológica do assunto, fruto de 9 anos de ministério como pastor e professor, e 35 anos de adventismo. As teses propostas a seguir não são necessariamente o posicionamento oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre a reforma de saúde, não pretendem ser um padrão a ser seguido por qualquer pessoa interessada no assunto,

---

** Doutorando em Novo Testamento (Seventh-day Adventist Theological Seminary - Andrews University), Mestre em Ciências das Religiões (UFPB, 2015) e Mestre em Teologia (SALT-FADBA, 2014). Professor de Novo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT-FADBA).

nem tentam esgotar o tópico ou ser completamente abrangentes. Elas têm como objetivo a reflexão sobre a reforma de saúde, bem como tentam desfazer equívocos relacionados à sua compreensão e à apresentação distorcida que alguns indivíduos e grupos fazem do tema, minando a importância dele para a igreja atual.

Para algumas das teses, provi, neste documento revisado, algumas explicações, exemplificações, bibliografia a ser consultada sobre o assunto ou referências escriturísticas que subsidiem determinada tese. Além disso, agrupei algumas teses sob uma sentença e adicionei um ou outro ponto que não foi abordado no dia em que elas foram lidas para os alunos do seminário. Não foi intenção minha ser exaustivo nessas notas; apenas busquei aclarar um pouco a razão de determinadas declarações. Como é próprio desse estilo de apresentação, as teses têm seu impacto por si próprias e buscam fomentar a discussão e o aprofundamento do tema abordado.

As Teses

1. A reforma de saúde é uma bênção concedida por Deus à Sua igreja nos últimos dias.

2. A reforma de saúde ajuda o cristão a compreender mais profundamente as verdades bíblicas.

3. A reforma de saúde, através da obra médico-missionária, atrai as pessoas para o evangelho porque é a mão direita[4] (ou o braço direito)[5] da terceira mensagem angélica.

4. A reforma de saúde é o braço da terceira mensagem angélica, não seu coração.[6]

5. A reforma de saúde é um dos principais indicadores da inspiração de Ellen G. White, uma vez que muitos de seus princípios, defendidos por ela, só foram comprovados cientificamente décadas depois que ela os promoveu.[7]

6. A reforma de saúde não é o centro da teologia de Ellen G. White.[8]

7. A reforma de saúde sempre tem de ser promovida no contexto da verdade sobre a justificação pela fé, se não, ela normalmente degenera em legalismo.

8. A reforma de saúde que rebaixa a divindade de Cristo ou distorce a compreensão de sua natureza humana única é pecado.[9]

9. A reforma de saúde que torce o texto bíblico para promover sua agenda é pecado.[10]

10. A reforma de saúde não pode tornar-se prova de fé, comunhão ou fidelidade além do que está registrado nas Escrituras.

11. A reforma de saúde que promove a ideia de graus de santidade e/ou o conceito de "cristãos de segunda classe," oprimindo as pessoas, fazendo-as sentirem-se menos santificadas ou abalando sua segurança da salvação em Cristo é pecado.[11]

12. A reforma de saúde não pode ser reduzida aos hábitos alimentares; ela é mais abrangente que isso; deve promover o bem-estar total do indivíduo, não apenas seu aspecto físico.[12]

13. A reforma de saúde que não transforma o caráter mais que o paladar é pecado.

14. A reforma de saúde advogada por Ellen G. White tem como princípio pivotal em relação ao regime alimentar o seguinte axioma: comer o melhor que estiver disponível; e isso varia de acordo com as circunstâncias em que cada indivíduo se encontra em determinado tempo e lugar[13]

15. A reforma de sáude deve levar em conta a tensão entre o ideal e o real.[14]

16. A reforma de saúde tem de levar em conta que os indivíduos são diferentes, têm necessidades diferentes, estão em camadas socioeconômicas diferentes e estão em estágios diferentes de sua caminhada cristã; assim, deve ser implementada de maneira gradual e, em se tratando de hábitos alimentares, seguir o princípio da substituição.[15]

17. A reforma de saúde não pode ser usada como argumento *ad hominem* para desacreditar um posicionamento teológico.[16]

18. A reforma de saúde deve aprofundar a compreensão da grandeza de Deus e nosso amor por Ele.

19. A reforma de saúde que tem como o alvo o próprio indivíduo e não o serviço ao próximo, e que glorifica as vitórias humanas em detrimento da glória de Deus é pecado.[17]

20. A reforma de saúde que foca apenas na longevidade cria apenas pecadores mais velhos.[18]

21. A reforma de saúde prolonga a utilidade dos filhos de Deus para o serviço do evangelho.[19]

22. A reforma de saúde não pode desacreditar os avanços da medicina ou irresponsavelmente desencorajar as pessoas a abandonarem os tratamentos médicos cientificamente comprovados.[20]

23. A reforma de saúde não é uma panaceia para todas as enfermidades e não pode substituir o poder de Deus.

24. A reforma de saúde não pode ser confundida com todo e qualquer tratamento sem critério, confundindo “tratamentos naturais” com medicina alternativa (iridologia, homeopatia etc.).

25. A reforma de saúde promove o vegetarianismo, não o veganismo.[21]

26. A reforma de saúde tem de levar em conta que o reestabelecimento total da humanidade só se dará na nova terra, depois da volta de Jesus.[22]

27. A reforma de saúde verdadeira promove a união entre as pessoas e seu amor mútuo, sinal da verdadeira santificação.

28. A reforma de saúde promovida de maneira equilibrada, biblicamente centrada, será uma benção para a igreja, para as famílias e para os ministros adventistas até a volta de Cristo.

Notas

[1] Morris L. Venden, *95 Teses sobre Justificação pela Fé*, trad. Azenilto G. Brito, 5. ed. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012).

[2] George R. Knight, *Adventist Authority Wars, Ordination, and the Roman Catholic Temptation* (Westlake Village, CA: Oak and Acorn Publishing, 2017), 69-115.

[3] *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, trad. Ranieri Sales, 22. ed. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016), 166-77; *Nisto Cremos: As 28 Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia*, trad. Hélio L. Grellmann, 10. ed. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018).

[4] Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, trad. Cesar Luis Pagani, 9 vols. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 6:62

[5] White, *Testemunhos para a Igreja*, 7:59.

[6] Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, trad. Almir L. da Fonseca e Carlos A. Trezza, 3. ed. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011), 257-58.

[7] Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor*, trad. José Augusto da Silva, 3. ed. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 320-42.

[8] Fritz Guy, "Theology," in *Ellen Harmon White: American Prophet*, eds. Terrie Dopp Aamodt, Gary Land e Ronald L. Numbers (New York: Oxford University Press, 2014), 144-59; Denis Fortin, "A Teologia de Ellen G. White," in *Enciclopédia Ellen G. White*, eds. Denis Fortin e Jerry Moon, trad. Cecília Ellen R. Nascimento et al. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018), 267-314.

[9] Circularam algum tempo atrás na internet vídeos e relatos de alguns supostos "advogados" da reforma de saúde declarando que Jesus comeu carne em Seu ministério terrestre porque, segundo eles, Cristo não tinha toda a luz sobre assunto que temos hoje [sic]. Essa e outras ideias semelhantes vão frontalmente contra o ensino da plena divindade de Cristo (Jo 1:1-2; 10:30-33; Cl 1:15-17; Tt 2:13; Ap 1:9-20; 5:8-14). Além disso, muitos desses pseudorreformadores associam a vitória sobre os hábitos alimentares com a natureza humana de Jesus, distorcendo o ensino bíblico de Sua natureza única (Jo 1:14, 18; 3:16, 18; 1Jo 4:9) e ligando a reforma de saúde a uma agenda perfeccionista.

[10] É possível torcer a Bíblia tanto para apoiar quanto para negar a reforma de saúde, sem levar em conta sadios procedimentos hermenêuticos. O liberal pode argumentar, erroneamente, que Paulo desdenhou do exercício físico (1Tm 4:8) e, portanto, ele não é uma prática importante hoje. Ao mesmo tempo, pode-se forçar a história de Daniel para defender seu suposto vegetarianismo (Dn 1:12), sem levar em conta o contexto de todo o livro (Dn 10:3). Sobre as implicações da dieta de Daniel no contexto bíblico, cf. Zdravko Stefanovic, *Daniel: Wisdom to the Wise: Commentary on the Book of Daniel* (Nampa: Pacific Press, 2007), 59-60, 62-66.

[11] Alguns pseudorreformadores da saúde ligam a abstenção do alimento cárneo diretamente com a salvação, o que é biblicamente incorreto, pois distorce a verdade da justificação pela fé. Certa vez fui procurado por uma jovem senhora, membro de uma das congregações que pastoreava, indagando sobre a ligação entre salvação e o consumo de carne. Segundo ela, o pai, recentemente, havia sido ensinado que aqueles que utilizassem carne como parte da sua alimentação não seriam salvos e;ou transladados para o céu. Em outros casos, muitas pessoas usam a reforma de saúde para classificar os membros de sua congregação local, ou até mesmo da igreja em geral, em "santos" e "pecadores" baseados unicamente em sua dieta. Sobre a relação entre salvação e alimentação cárnea, cf. William Fagal, *101 Perguntas sobre Ellen White e Seus Escritos*, trad. Delmar F. Freire (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013), 136-39.

[12] Mesmo que reduzíssemos a reforma de saúde ao que Ellen White chamou de "remédios naturais", eles são oito, não apenas um: "Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino — eis os verdadeiros remédios" (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, trad. Carlos A.

Trezza, 10. ed. [Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004], 127). Ao reduzir a reforma de saúde a questões dietéticas, muitas pessoas se tornam completamente intemperantes em outras áreas da vida, como no exercício físico e no descanso.

[13] Douglass, *Mensageira do Senhor*, 312-13, 316; White, *Testemunhos para a Igreja*, 9:163. Denton E. Rebok (*Crede em Seus Profetas*, trad. Isolina A. Waldvogel [Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1998], 210-11), conta que, tendo que passar algum tempo na China, passou várias semanas comendo apenas arroz e ovos fritos. A razão: as verduras eram adubadas com fezes humanas e cozidas em água suja. Em tais circunstâncias o melhor disponível eram apenas arroz e ovos. Ele colocou em prática o seguinte conselho: "Deus quer que todos nós tenhamos bom senso, e deseja que raciocinemos movidos pelo senso comum. As circunstâncias alteram as condições. As circunstâncias modificam a relação das coisas" (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, trad. Isolina A. Waldvogel e Luiz Waldvogel, 4. ed., 3 vols. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010)).

[14] George R. Knight, *Reading Ellen G. White: How to Understand and Apply Her Writings* (Hagerstown: Review and Herald, 1997), 90-94.

[15] Ellen G. White, *Conselhos sobre Regime Alimentar*, trad. Isolina A. Waldvogel e Luiz Waldvogel, 12. ed. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010), 494; White, *Testemunhos para a Igreja*, 3:20-21; White, *A Ciência do Bom Viver*, 320.

[16] Leônidas Hegenberg e Flavio E. Novaes Hegenberg (*Argumentar* [Rio de Janeiro: E-Papers, 2009], 376), descrevem assim o argumento *ad hominem*: "Em vez de mostrar a falsidade do enunciado, o argumentador ataca a pessoa," Assim, o argumento *ad hominem* é aquele que, ao invés de atacar as premissas de uma argumentação mostrando um raciocínio falho ou falacioso, ataca o indivíduo, desacreditando-o por razões alheias ao próprio argumento. Aqueles que negam verdades bíblicas importantes baseados unicamente na dieta do palestrante/pregador/pastor esquecem que as verdades basilares que até hoje o adventismo prega foram desenvolvidas por homens e mulheres que fumavam, usavam bebida alcoólica e cuja dieta alimentar e outros hábitos estavam longe do que hoje sabemos ser o ideal. Nem por isso o que eles descobriram, fruto do estudo profundo (feito, muitas vezes, durante toda a noite – hora em que devemos estar repousando) é menos importante, verdadeiro e biblicamente correto. Além disso, se a dieta for o crivo para se detectar teologia e/ou ideias sadias, como diria o Dr. Amin Rodor em muitas de suas palestras, o que faremos com as ideias de Hitler, que era vegetariano?

[17] 1 Coríntios 10:31. "O maior motivo para a preservação da saúde é o desejo de glorificar a Deus, servindo aos outros. … Os benefícios colaterais dessa maior motivação incluem vida mais longa e menos doenças. Porém, se a motivação maior for perdida de vista, a reforma da saúde pode se tornar egoísta e negligente com o bem-estar dos outros" (Herbert E. Douglass, "Reforma de Saúde," in *Enciclopédia Ellen G. White*, eds. Denis Fortin e Jerry Moon, trad. Cecília Ellen R. Nascimento et al. [Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018], 1212-13). Muitos usam a reforma de saúde para tornarem-se egoístas: tudo passa a girar em torno das necessidades da própria pessoa, sem levar em conta os outros.

[18] Se a longevidade for o único objetivo todo-absorvente da reforma de saúde, ela cai no mesmo humanismo dos nossos dias que busca a imortalidade nesta terra, sem a perspectiva bíblica da restauração total que advém com a volta de Jesus. Alguns parecem querer, pela reforma de saúde, serem glorificados ainda nesta vida. O indivíduo "A" vive dissolutamente, com dieta desequilibrada, consumo de álcool, fumo e, talvez outras drogas. Tal pessoa morre aos 50 anos. O indivíduo "B" segue estritamente uma dieta equilibrada, descansa adequadamente, não consome nenhum tipo de droga lícita ou ilícita, e vive ao máximo a temperança em todas as áreas da vida. Esse indivíduo morre aos 120 anos. Muitos parecem perceber apenas o fato de que o indivíduo "B" viveu 70 anos a mais sem levar em conta que ambos morreram, porque essa é a condição do homem num mundo de pecado – uma condição limitada pela morte.

[19] A vida de Tiago White, esposo de Ellen G. White, foi abreviada grandemente por sua negligência em colocar em prática a reforma de saúde. Douglass (*Mensageira do Senhor*, 55-56) descreve a situação de saúde de Tiago e o conselho que Ellen White lhe deu em 1878, tentando mostrar-lhe as mudanças que precisavam ser feitas para que sua utilidade e vida fossem prolongadas.

[20] Alguns pseudorreformadores da saúde, mais alinhados com o charlatanismo do que com qualquer outra coisa, abordam as pessoas e as famílias e as convencem de que o tratamento dado pelos profissionais de saúde, que muitas vezes utilizam medicação farmacológica, deve ser abandonado porque apenas os tratamentos naturais trarão a cura. Apesar de o paciente ter direito de aderir ou não ao tratamento indicado pelo profissional de saúde, é irresponsável persuadir uma pessoa a abandonar um tratamento médico sem que ela tenha a oportunidade de tomar uma decisão informada. Na verdade, os tratamentos naturais são ótimos como auxiliares dos tratamentos médicos

convencionais, mas nem sempre e, na maioria das vezes, não os substitui. Talvez esse tipo de abordagem se deva ao fato de que muitos tiram as palavras de Ellen White quanto aos tratamentos disponíveis em seus dias e pensam que estamos na mesma situação. Por exemplo, para uma visão historicamente acurada sobre o posicionamento de Ellen White sobre os remédios que leva em conta as circunstâncias nas quais ela deu seus conselhos sobre o assunto, cf. Mervyn G. Hardinge, "Medicamentos ou Drogas," in *Enciclopédia Ellen G. White*, eds. Denis Fortin e Jerry Moon, trad. Cecília Ellen R. Nascimento et al. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018), 1067-68.

[21] De acordo com Sylvia Fagal ("Regime Alimentar," in *Enciclopédia Ellen G. White*, eds. Denis Fortin e Jerry Moon, trad. Cecília Ellen R. Nascimento et al. [Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018], 1217), Ellen White não advogava o veganismo e associou a abstenção completa de alimento cárneo com o tempo de angústia. Por outro lado, o veganismo, como advogado e promovido hoje, tem como base uma cosmovisão que, positivamente, quer cuidar dos animais; negativamente, confia na humanidade para mudar a situação da natureza e promove basicamente a ideia de que os animais se igualam essencialmente aos seres humanos, tendo praticamente os mesmos direitos. Ao mesmo tempo que a cosmovisão bíblica entende que os animais fazem parte da criação de Deus e são, portanto, presentes para a humanidade (Gn 1), em nenhum momento eles são colocados em pé de igualdade com os seres humanos. Além disso, os conceitos de vegetarianismo advogados por sociedades veganas e vegetarianas e o conceito de Ellen White são diferentes. Para o que significa vegetarianismo para Ellen G. White, cf. Sylvia M. Fagal e Roger W. Coon, "Vegetarianismo," in *Enciclopédia Ellen G. White*, eds. Denis Fortin e Jerry Moon, trad. Cecília Ellen R. Nascimento et al. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018), 1351-54. Para uma introdução acadêmica sobre o que seja o veganismo e seu impacto sobre a sociedade atual, cf. Laura Wright, *The Vegan Studies Project: Food, Animals, and Gender in the Age of Terror* (Athens, GA: The University of Georgia Press, 2015), 1-27.

[22] 1 Coríntios 15; Apocalipse 21-22.